

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano II — Número 14

Fevereiro de 1964

Colunas no Templo de Deus

S. J. Schwantes

Nas cartas às sete igrejas as promessas vão ao encontro das necessidades de cada uma dessas igrejas. Assim, à igreja perseguida do segundo e do terceiro séculos, muitos de cujos membros selaram com o próprio sangue a sua fé, a promessa foi: «Dar-te-ei a coroa da vida». E «o que vencer não receberá o dano da segunda morte» (Apoc. 2: 10, 21). Quão significativas eram estas promessas para aqueles que, devido à sua lealdade para com Cristo, pagaram o supremo preço nos dias da igreja de Smirna!

Com referência à igreja de Pérgamo, o registo sagrado diz: «Reténs o Meu nome e não negaste a Minha fé» (Apoc. 2:13). A promessa que corresponde a esta fidelidade ao nome de Deus é: «Dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito» (vers. 17). Esse novo nome é conhecido apenas pelo que o recebe, porque a sua própria experiência nas coisas de Deus dá ao nome um significado definido e pessoal.

Ao vencedor na igreja de Filadélfia foi dada a promessa: «Eu o farei coluna no templo do meu Deus» (Apoc. 3: 12). Ora, qual é a principal função de uma coluna? Não é sustentar o peso da superestrutura, quer se trate de um telhado, como sucede num edifício de igreja, quer de uma construção de muitos andares, como sucede num arranha-céus? Os que hão-de ser colunas no templo de Deus no céu já certamente se terão revelado colunas na igreja de Deus na terra. Desfrutarão simples-

mente numa esfera maior a gloriosa experiência de sustentar a causa de Deus.

Lemos no versículo 8: «Tendo pouca força, guardaste a Minha palavra, e não negaste o Meu nome». Em breve virá o dia em que o céu recompensará os que apesar da sua «pouca força» fizeram o que lhes foi possível para sustentar a Palavra de Deus e o Seu nome em face de toda a oposição ou indiferença. Mesmo agora a igreja está grata por aqueles entre os seus membros que são verdadeiras colunas na sustentação de suas normas e objectivos. Há aquele fiel ancião que providencia para que as ocasiões designadas para o culto sejam observadas de uma maneira decorosa, quer o pastor esteja presente quer não. Ele será uma coluna no templo de Deus no céu.

Há aquela consagrada directora da Sociedade de Dorcas que mantém a sua sociedade funcionando suave e eficientemente, quer tenha muito ou pouco apoio dos outros membros, com os olhos posto na glória de Deus. Também ela será uma coluna no templo de Deus na Nova Jerusalém. E toda a multidão de leais membros que amam a sua igreja, que fazem a sua parte de trabalho missionário na sua terra, e que apoiam com inalterável zelo o programa mundial da igreja — também eles, se permanecerem fieis, se tornarão colunas do templo de Deus no céu.

Que maior honra haverá do que ser uma coluna no templo de Deus? E' uma honra agora, uma honra que perdurará

O Cinema e a Vida Cristã

por Ernesto Ferreira

O mundo civilizado desfruta de inventos maravilhosos, com os quais os nossos antepassados dos tempos bíblicos nem sequer sonharam. Encontram-se entre eles a imprensa, a rádio, a fotografia e o cinema.

Qualquer destes inventos pode ser

através dos séculos eternos. Falando de dons e funções particulares na igreja, Paulo diz que a profecia passará, as línguas cessarão, e o conhecimento — o nosso imperfeito conhecimento presente — desvanecer-se-á (I Cor. 13:8). Tudo isto será substituído pelo que é perfeito. Mas nunca haverá um tempo em que as colunas no templo de Deus tenham de ser substituídas. Não há substituto para uma coluna. Elas são úteis na igreja agora; serão úteis no templo de Deus no céu.

Notai a seguinte pérola no livro *Educação*, pág. 308: «No plano da salvação há sumidades e profundezas, que a própria eternidade jamais poderá compreender completamente, maravilhas para as quais os anjos desejam atentar. Apenas os remidos, dentre todos os seres criados, conheceram em sua própria experiência o conflito com o pecado; trabalharam com Cristo e, conforme os mesmos anjos não o poderiam fazer, associaram-se em Seus sofrimentos; não terão eles qualquer testemunho quanto à ciência da redenção, algo que seja de valor aos seres não caídos?»

A esta pergunta a nossa resposta pode apenas ser: Sim. Certamente os remidos terão uma contribuição incomparável a fornecer por toda a eternidade. Com a riqueza da sua experiência poderão esclarecer os seres não caídos quanto à «ciência da salvação», testificando do amor de Deus e reivindicando a Sua justiça. De colunas da igreja na terra, serão promovidos à invejável posição de colunas do templo de Deus no céu. Oh, que cada um de nós possa ser uma coluna de Deus, agora e por toda a eternidade!

útil ou prejudicial, de acordo com a aplicação que deles se fizer.

Consideremos, por exemplo, o cinema. Nenhum princípio moral se opõe à sua utilização para fixar cenas da Natureza, técnicas da indústria, processos de educação, ou documentação de acontecimentos correntes, que por sua vez estejam de acordo com as normas cristãs.

Fortes objecções surgem, porém, quando este invento é usado, não para fixar a realidade instrutiva ou edificante, mas cenas e enredos imaginados, à margem da ética cristã; noutros termos, quando o cinema se converte em teatro.

Podem, assim, apontar-se em relação ao cinema os seguintes inconvenientes que em todos os tempos se têm assinalado com referência ao teatro.

1. A vida real é pintada com falsas cores. Como resultado, desenvolve-se no espectador uma visão deturpada da realidade ou, pelo menos, uma falta de adaptação às condições da vida de cada dia, em especial da vida do lar.

2. Devido ao papel desempenhado pela imaginação e às reacções emocionais que provoca, o cinema facilmente vicia os seus espectadores. E como sucede com quem se vicia no fumo ou na bebida ou na leitura de literatura de ficção, cria-se um hábito que para ser satisfeito reclama renovada indulgência e cuja tirania só a intervenção do Alto ou uma grande força de vontade poderá vencer.

3. A concepção da vida apresentada pelo cinema comercial não se harmoniza, em geral, com as normas cristãs. Se bem que se possam registar mui raras excepções, o carácter dos actores está longe de poder ser apresentado como edificante. Como consequência deste facto, os filmes produzidos não pedem deixar de considerar natural, e até fascinante, o que a Palavra de Deus condena. Assim, encontram-se dentro do clima próprio do cinema: o vestuário e os adornos impróprios para cren-

tes; comidas e bebidas condenáveis; o fumo; a delinquência juvenil; a leviandade no comportamento, sem respeito pelo carácter sagrado da pessoa humana e pela dignidade de um beijo casto; o adultério; numa palavra, a obnubilação do senso do pecado. Se há lugar em que se cumpra à letra o texto bíblico segundo o qual «os loucos zombam do pecado» (Prov. 14:9)—é certamente no cinema.

4. Segundo uma comprovada lei psicológica, pela contemplação somos transformados. E' assim que os frequentadores dos cinemas, e em especial os jovens, são levados a imitar nas maneiras, nos trajés, no comportamento as características dos seus actores favoritos. Como advertia o Sábio, «tomará alguém fogo no seu seio, sem que os seus vestidos se queimem? Ou andará alguém sobre as brasas, sem que se queimem os seus pés?» (Prov. 6:27, 28).

5. Como conclusão do que acaba de ser mencionado, o crente que cede à tentação de ir ao cinema perde o gosto pela leitura da Palavra de Deus e pela oração, não sente prazer em assistir ao cultos nem desejo de atrair almas para o conhecimento do Evangelho. Infelizmente as igrejas, ao registarem a indiferença religiosa e a perda de muitos de seus membros, podem testemunhar da verdade destas palavras. E, melhor do que ninguém, os que frequentam o cinema sabem que isto é verdade.

Sendo assim, qual a atitude a tomar pelo cristão? A pergunta talvez possa ser formulada noutros termos: Que atitude tomaria Jesus se estivesse em nosso lugar?

Quando o Mestre viveu aqui na Terra, havia em Jerusalém um teatro construído pelo Rei Herodes, o Grande (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, liv. XV, cap. VIII, 1; *Guerras dos Judeus*, Liv. I, cap. XXI, 8). Segundo Flávio Josefo, os judeus escandalizaram-se com essa inovação, que consideravam atentatória contra as suas crenças e costumes. Concebemos nós que Jesus fosse assistir aos espectáculos apresentados naquele teatro, quando os judeus piedosos se coíbiavam de ali ir? E se Jesus não ia ao teatro do Seu tempo, iria ao cinema de hoje?

Parece, pois, claro que o crente se deve abster de assistir aos filmes concebidos à margem dos ideais e normas cristãs tais como os que o cinema comercial apresenta a fim de satisfazer o gosto pervertido do público.

Mas não poderá o membro de igreja ir ao cinema para ali ver um filme contra o qual não haja nenhuma objecção sob o ponto de vista cristão? Mesmo nesse caso, diríamos que não é prudente fazê-lo. Como disse o apóstolo Paulo, «todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam». (I Cor. 10:23). No seu tempo, havia crentes que não tinham escrúpulo em comer das coisas sacrificadas aos ídolos, «visto que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão um só». Mas o Apóstolo, embora não atacando os argumentos dos que assim procediam, aconselhava-os a absterem-se disso, a fim de evitarem escândalos: «Vede que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que tens ciência, sentado à mesa no templo dos ídolos, não será a consciência do que é fraco induzida a comer das coisas sacrificadas aos ídolos? E pela tua ciência pecerá o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu». (I Cor. 8:9-11). Da mesma maneira, se um jovem ou um membro recém-baptizado vir um irmão mais velho da igreja entrar no cinema, ainda que seja para assistir a um filme que este considera próprio, não constituirá esse exemplo uma desculpa para o mesmo jovem ou novo membro assistir a outros filmes que sejam inconvenientes? Por esse motivo, não será preferível seguir o conselho do apóstolo Paulo?

Certamente que o ideal será que as Sociedades de Jovens, sempre que seja possível, apresentem nos seus salões filmes instrutivos e edificantes, em substituição dos filmes exibidos nos cinemas.

Mas, ainda que isso seja impossível, não poderão os crentes e em especial os jovens procurar outras recreações mais satisfatórias?

Felizmente não faltam possibilidades para atingir esse objectivo.

A Escola dos Profetas

por Eduardo José Victória

Com fogo nos olhos e destemido, o profeta Elias permanecia entre o seu povo, como uma rocha inabalável pelas ondas tumultuosas do pecado. Por vezes ao seu lado um só companheiro o sustentava — solidão. No meio desta nação que se dava somente aos prazeres egoístas, sua voz era o único instrumento enérgico que se levantava contra o mal. Ele pressentia que em todo o Israel ninguém senão ele estava levantando os princípios divinos.

Este sentido de solidão, que não deixava de o acompanhar, este sentimento que não era ajudado por nenhuma pessoa desenvolveu nele um firme propósito de completar tudo o que teria de ser feito, como se fosse o desafio culminante da sua vida. De uma maneira ou outra, ele sentiu a necessidade de encontrar homens que pudessem permanecer ao seu lado, ajudando-o a dirigir as mentes dos homens ao Céu — homens que pudessem continuar o seu trabalho, depois de ter deixado este mundo. Orando e pensando ponderadamente sobre o problema, a solução ocorreu-lhe imediatamente.

O plano era simples. Samuel tinha estabelecido anos atrás as escolas dos profetas para preparar obreiros para o serviço de Deus; estas escolas tinham decaído pouco a pouco durante os períodos de apostasia nacional; por que não restabelecê-las agora?

Requeria em primeiro lugar fé para ver o trabalho finalizado nessas escolas — Elias tinha fé. Era necessário em segundo lugar paciência e um tenaz propósito, para vencer todos os obstáculos. Elias possuía estas qualidades. Para obter a propriedade para estas escolas e para suportá-las seria uma tarefa que requeria grande sacrifício e esforço. Influenciar homens para restabelecer estes edifícios de ensino foi um empreendimento difícil até que por fim tinha escolas em Gilgal, Betel e Jericó, acompanhando e contemplando o seu desenvolvimento.

Anos se passaram antes que pudesse ver os frutos desse enorme plano, que pouco a pouco se tornara realidade. O dia veio em que recebeu por inspiração divina uma revelação que o tornaria maior que todos os mortais. Seria trasladado para o Céu sem conhecer a morte. Que agitações de felicidade e alegria devia ter experimentado aquele filho de Deus. Com que expectativas esperava esse dia! Tinha no entanto um único desejo antes de deixar este mundo — de poder realizar uma inspeção às escolas dos profetas.

Acompanhado de Eliseu, visitou aquele filho de Deus suas escolas. Ele ficou satisfeíssimo com o que presenciou. Ali estavam os jovens, mãos calçadas pelo trabalho que os mantinha e suportava, mentes afinadas pelo estudo fortalecido com uma visão ampla e santificada.

Enquanto dirigia a palavra falando da lealdade a Deus, e da necessidade de possuir simplicidade para marcar os traços em cada fase da educação, ele notava uma luz radiante em seus olhos que o levou a convencer-se que este trabalho tinha sido um sucesso. A silenciosa mas forte influência das escolas tinha feito o seu trabalho nesse reino. Muitas almas tinham sido tocadas; devendo sem dúvida um grande débito a essas escolas, podia-se notar através da nação uma revelação das palavras de Deus: «Também conservei em Israel sete mil: todos os joelhos que não se dobraram a Baal e toda a boca que o não beijou». I Reis 19:18.

O indomável profeta já partiu para o destino glorioso que nós esperamos e confiamos; mas as escolas, estabelecidas de acordo com este plano divino, ainda continuam silenciosamente; invisivelmente sua influência expande-se através dos limites das fronteiras destas paredes de ensino — fazendo o Serviço de Deus.

Mais Elias são necessários hoje.

Trinta anos ao serviço de Deus em Moçambique

por J. A. Morgado

Completam-se este ano trinta sobre a data da organização deste campo, com a chegada do Pastor Max Webster a Moçambique. No entanto, a mensagem Adventista havia já chegado há alguns anos a terras de Moçambique através de crentes que se estabeleceram em Corinto (Alto Chindio).

À chegada a Moçambique o Pastor Webster instalou-se provisoriamente na Zambézia, no Ile, em uma casa que alugaram e começaram tratando de escolher o lugar para o estabelecimento de uma Missão.

Na Revista das Missões de 1954, o dr. E. G. Marcos relata como a 20 de Junho de 1933, três missionários partiram da Missão de Malamulo para observar os locais escolhidos por Max Webster. Estudaram o terreno, a água, a altitude, a população indígena e parece que se resolveram pelo actual lugar de Munguluni, no Lugela. Feito o pedido para a instalação da Missão naquele lugar somente em 1935 foi deferido, e nessa data Max Webster foi viver para ali numa casa de pau-a-pique e capim, até que construiu uma casa definitiva. Em Munguluni há ainda uma bela plantação de eucaliptos que foi feita nessa altura.

Podem imaginar, aqueles que têm vivido no mato, o que foi o luta para desbravar o terreno, juntar materiais, preparar artifices, contratar trabalhadores, e a pouco

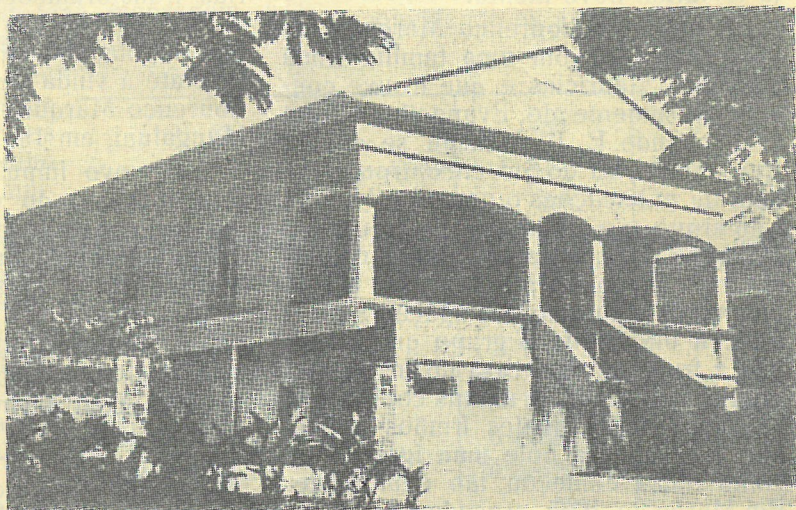
e pouco ir fazendo subir as paredes da casa de habitação, escola, capela, dispensário, oficinas, etc.

A pouco e pouco a desconfiança do povo foi sendo ultrapassada e a pouco e pouco muitos se foram aproximando. Mas, mesmo em 1937, data da primeira reunião campal, ainda fugiam do contacto com os brancos. Os primeiros baptismos foram realizados em 1939 e alguns destes crentes ainda se encontram firmes e ao trabalho.

Nesse mesmo ano chega o Professor Gouveia para iniciar o trabalho escolar que foi confirmado pelo Alvará dos serviços de Instrução em Novembro de 1940. Foi notável a acção desenvolvida não só com os alunos-crianças mas mesmo com os adultos, que à noite, aprendiam a ler e escrever. Por motivos de saúde este professor regressa a Portugal pouco depois.

Entretanto, as catequeses vão surgindo, vão-se preparando homens para que as dirijam, e todos os anos novos conversos vão sendo baptizados.

Passados alguns anos o Pastor Man-



A nova igreja de Lourenço Marques

sell que já havia sido convidado em 1933 para este campo aceita o chamado e dirige-se da América passando por Lisboa donde sai em 1947.

Numa sua carta o Pastor Mansell conta que: «Em Mocuba encontrámos pela primeira vez o Pastor Webster que dirigia a Missão naquele tempo, e que tinha feito o chamado tantos anos antes. Na primeira tentativa para chegar àquele lugar ficámos prisioneiros dos japoneses nas Filipinas. Bem podem imaginar a alegria com que ele nos conduziu para a Missão, e apontava coisas de interesse, incluindo a capela nova que podíamos avistar ao longe. Lá longe, em cima de uma elevação, com as montanhas atrás, e emoldurada com verdura tropical, ficava finalmente o espectáculo que há tantos anos desejávamos ver».

Em 1949 era feito um chamado a um professor a que respondeu Samuel Graça que chegou a 10 de Fevereiro e que se manteve como professor e Director da escola até Fevereiro de 1954. P. Mansell sai em 1953, e enquanto não chegava A. Lopes de Angola, ficou S. Graça responsável pelo trabalho.

Nesta altura o campo é organizado com sede em Lourenço Marques sendo seu Director J. Esteves e Secretária Tesoureira Amélia Sommer. Mais tarde S. Graça viria juntar-se àqueles, em L. Marques, onde as actividades de Igreja tomaram novo alento.

A Igreja de Lourenço Marques havia começado com uma família vinda das Ilhas Maurícias e que trouxe consigo a semente do Evangelho. Certa vez, quando E. P. Mansell se encontrava na África do Sul, encontrou numa lista de publicações o nome de Manuel Lemarque e o endereço de Lourenço Marques. Mesmo dali combinou um encontro quando do seu regresso a Moçambique e com aquela ligação se fortaleceu um pequeno grupo que começou a frutificar. Em casa do Sr. Lamarque, a sua família e alguns conhecidos se reuniam e aqueles irmãos podem ver com alegria hoje uma igreja, que como todas começou tão debilmente. Em Março de 1963, procedeu-se à inauguração da Sala que foi adquirida e

transformada graças à oferta do 13.º Sábado do 2.º trimestre de 1961. O edifício havia sido comprado pelo Pastor Lourinho no ano anterior e depois foram feitas várias obras de remodelação.

Na Beira o nosso trabalho começou com um jovem Daniel Harawa que se preparou para o baptismo através do curso bíblico por correspondência. Quando aprendeu que o Sábado era o dia de descanso obtém do seu patrão liberdade nesse dia. Em 1951 E. P. Mansell passa na Beira e baptiza Harawa. Em seguida uma boa igreja foi organizada e apesar de todas as dificuldades um pequeno grupo se tem mantido ali desde então. Por ali passaram S. Graça e J. Morgado e um grupo de interessados foi levantado à espera que seja possível organizar ali uma igreja. Dali irradiou luz para o grupo que nasceu em Mabote, organizado por um dos que Harawa conquistou para Cristo. Chegado à sua terra começou a ensinar e vários grupos surgiram naquela área. Quando tinha alguns interessados andou cerca de 700 quilómetros até Lourenço Marques para pedir uma visita, que foi efectuada há pouco tempo.

Outro grupo nasce na Chemba, também trabalho iniciado por um homem que conhecera Harawa na Beira e que se convertera ali.

Munguluni continua a crescer. Entretanto o campo vai passando por várias transformações. Com a saída de J. Esteves o campo passa a ser dirigido por Angola, situação essa que se manteve até à vinda de M. Lourinho para Lourenço Marques e J. Morgado para Munguluni, em 1957.

Um novo impulso foi dado com a reorganização do campo e assim foi possível construir uma nova escola para substituir aquela que uma faísca tinha destruído dois anos antes. Um dispensário, dormitórios e restauração das casas existentes foi empreendido.

O trabalho escolar foi estabelecido de novo com a vinda de A. Nunes e A. Maurício, e J. Carrilho em 1959. Além do ensino primário o Curso de preparação de Catequistas foi organizado, a escola de artes e ofícios posta a funcionar com novas secções.

O Dispensário inaugurado é posto a funcionar com Milca Morgado como enfermeira e mantém um interesse extraordinário através de todos estes anos. Ansiamos o dia em que um médico possa vir para Munguluni. Já em 1936, na Revista da Campanha se dizia que estava um médico pronto para vir para Munguluni. Esperamos que seja agora, e que o chamado dirigido ao dr. Samuel Ribeiro se possa concretizar em breve. Ao mesmo tempo, os jovens adventistas do sul da Europa reuniram em 1963 as suas ofertas para compra dum dispensário móvel que prestará assistência na vasta área da Zambézia.

Graças ao auxílio do excesso do 13.º Sábado de 1961, foi possível resolver o grave problema da água na Missão de Munguluni. Houve momentos em que pensámos o que seria o futuro daquele lugar em face da falta de água. Ao mesmo tempo a luz eléctrica foi instalada, e também duas novas casas para professores construídas.

Em 1963, com a saída de M. Loureiro veio dirigir o campo P. Ribeiro e novas perspectivas estão diante de nós nestes tempos difíceis, mas em que esta maravilhosa semente do Evangelho faz germinar grupos em muitos pontos desta terra.

Todos os anos novos lugares são abertos, surgem grupos no Niassa, pregadores leigos organizam igrejas de várias centenas de membros, jovens colaboram em levar esta mensagem a todo o mundo nesta geração.

A todos os que têm com as suas ofertas e orações ajudado o trabalho neste campo um muito obrigado e que o Senhor vos recompense abundantemente, e não nos esqueçais nestes momentos difíceis que a África atravessa.

Desejaríamos apresentar alguns números que falam do progresso desta obra nos últimos 6 anos.

VOCÊ PODE COOPERAR PARA QUE HAJA SOLENIDADE NO CULTO DA SUA IGREJA

1. Não entre durante uma oração.
2. Não entre durante a leitura da Bíblia (espere na porta).
3. Não entre durante uma música especial.
4. Não mude de um lugar para outro, depois de assentado no templo.
5. Não se assente na extremidade de um banco desocupado, de maneira a impedir a entrada de outros.
6. Ao chegar ao templo, tome lugar e espere o início do culto silenciosamente, em atitude de oração.
7. Nunca espere que o culto comece para depois então entrar.
8. Não fale durante o culto sob pretexto nenhum.
9. Não leia revista ou jornal ou qualquer outra coisa durante o culto.
10. Não desvie sua atenção durante uma oração.
11. Preste toda a atenção às músicas e à mensagem pregada.
12. Ore intimamente pelo pregador e pelos perdidos, para que o culto seja de acordo com a vontade de Deus.
13. Evite sair do templo, durante o culto.
14. Terminado o culto, retire-se em silêncio. À porta, então, cumprimente alegre e cortêsmente os visitantes, convidando-os a voltarem.

<i>Estatística</i>	1957	1962
Membros da Igreja	998	3.362
Membros da Escola Sabatina .	1.860	9.066
Baptismos	121	727
<i>Tratamentos no Dispensário:</i>		
Pessoas tratadas	1.067	4.843
Tratamentos	3.215	36.631
Escolagem	3.986\$00	25.129\$50
Ofertas e dízimos	70.295\$20	309.382\$10
Escolas Sábatinas	22	80

Um Amor Perfeito

por A. Tomé de Oliveira

Um jovem que deseja casar-se deve fazê-lo por amor e não por interesse material. Por vezes, imprevidentemente, as pessoas de família e até os estranhos procuram levá-lo a um matrimónio vantajoso sob o ponto de vista social e financeiro, mas para o qual o seu coração está frio, por faltar aquele amor necessário para que duas almas fiquem realmente bem unidas e possam receber pela vida fora os estímulos que se chamam alegria e felicidade.

«Antes que cases, olha ao que fazes» — nos adverte um velho ditado cheio de verdade e que nos incita a ser prudentes na preparação para o matrimónio, essa aliança entre duas almas, que nunca deve ser imposta. Cada um de nós deve descobrir, por si mesmo, o seu par, a metade que lhe falta para que esteja completo e possa depois sentir-se feliz. E para que o matrimónio seja uma perfeita aliança entre duas almas é indispensável que o amor de ambas seja perfeitamente igual, porque se juntarmos fogo com fogo teremos fogo, mas se juntarmos fogo com água teremos desgraça.

Onde houver duas cabeças teremos duas sentenças, como nos ensina outro ditado popular, e isso quer dizer que mesmo no casamento perfeito hão-de sempre surgir divergências. E outro ditado nos diz que «a casa que não for ralhada não será bem governada», o

que nos revela as possíveis discordâncias entre os cônjuges, e a necessidade que ambos têm de juntar os seus pensamentos e os seus desejos. Nestas condições, se ambos são regidos pelo mesmo amor, tudo irá bem e depressa haverá harmonia; se, porém, não existe o referido amor, tudo irá de mal a pior!

O matrimónio não é uma operação muito simples. Por isso devemos ajudar os nossos filhos a resolver os seus problemas, para que possam fazer uma boa escolha na vida. Nunca devemos impor-lhes os nossos pontos de vista, nem as nossas predilecções, porque só eles podem saber se existe ou não o vibrante poder que liga as almas no matrimónio perfeito. E como a duração do matrimónio é ilimitada, convém que não seja uma fonte de tristeza e de tortura, mas de alegria e de felicidade. Que a união se faça por um grande amor e nunca por um interesse material, nem por uma natural paixão lúbrica, porque se for assim depressa acabará o sonho mal urdido e em seu lugar ficará a duríssima realidade duma completa desgraça!

Para que o amor seja perfeito é necessário que seja perfeita a correspondência de ambos. Se assim não for, o casamento é feito sob o signo da desgraça e fracassará.

Histórias Africanas



MEDO DO ESCURO

Este pequeno pretinho, Sego, nou- tro tempo tinha muito medo do escuro, e todos os outros rapazes com quem ele brincava também tinham medo. Desde o momento em que as sombras se alongavam, cada um do grupo dos pretinhos, com Sego à sua frente, corriam para casa.

Nesta tarde particular, Sego, Samba e Jwili, e todos os outros rapazes, entusiasmaram-se tanto com os seus brinquedos que quando vieram a si já era realmente muito escuro.

Sego gritou: «Haka! Vejam como já está escuro! Temos de ir depressa!»

«Oh, Sego», exclamou o pequeno Jwili numa voz aterrorizada, «pensas que eles nos apanharão»? Pobre menino! Ele realmente acreditava que havia pequenos homens no mato aguardando a ocasião de apanhar os meninos pequenos.

Sego não respondeu, mas deu a mão a Jwili, e ambos correram. A pouco e pouco se aproximaram da lagoa escura na floresta onde eles criam que morava uma criatura chamda Tikoloshe.

«Agora vamos calados e depressa de maneira que ela não possa ouvir-nos e levar-nos para debaixo da água escura», disse ele enquanto iam de bicos de pés.

Como ficaram contentes quando chegaram à pequena cabana de capim, a que chamavam seu lar, todos salvos! Agacharam-se e arrastando-se entraram através de uma abertura que era a porta e janela da casa. Dentro, no centro do chão de terra batida, ardia o fogo. Sentaram-se no chão, e a irmã mais velha encheu as mãos deles com pirão

frio. Comeram tudo e ainda lamberam os dedos. Comeram depois espigas de milho assado, e acabaram por esquecer o medo que tinham experimentado. Riram tão alto que despertaram a velha galinha acorada sobre os seus pintainhos a um canto da palhota, e a bezerrinha levantou a cabeça com um medroso «miiuu».

Subitamente veio um tap-tap-tap! Instantaneamente todos se sentaram calados. O milho, negligenciado no fogo, começou a queimar-se, mas ninguém se moveu. O coração de Sego batia tão alto que receou que «ela» o ouvisse. Mas era apenas o vento que soprava em volta da pequena palhota. Um a um os medrosos pequenos moradores se enrolaram nas suas mantas e adormeceram. Na manhã seguinte quando voltou a luz sentiram-se mais uma vez fortes, e saindo apressadamente da palhota, Sego e Jwili partiram para outro longo dia de brinquedo. Foram até mais longe do que habitualmente aquela manhã e ficaram surpreendidos ao achar-se no local onde viviam aqueles curiosos brancos de que eles tinham ouvido falar.

«Vamos ver o que eles estão a fazer ali!» disse Sego.

Aproximaram-se cuidadosamente até que puderam olhar através de grandes buracos nas paredes da casa. Nem Sego nem Jwili sabiam que eram janelas. A sua casa não as tinha. Dentro, rapazes pretos como eles, limpos e assados, alguns deles vestindo roupa, estavam olhando para curiosos sinai-zinhos pretos no papel. Um a um eles

levantavam-se e o papel parecia comunicar-lhes alguma coisa para dizerem. Aquilo era maravilhoso! Seguido por Jwili, Segó aproximou-se da abertura maior — que era a porta — e entrou.

«Aqueles sinais comunicam-vos o que haveis de dizer?» perguntou ele.

«Os sinais fazem palavras que nos comunicam o que dizer», explicou o professor. «Chamamos a isso leitura».

«Também eu posso aprender?» O professor fez um sinal afirmativo com a cabeça. «Então Jwili», disse ele a seu irmãozinho, «ficaremos aqui um pouco», e sentaram-se com os outros, nunca sonhando que agora eles estavam a «ir à escola». Desde aquele dia em diante Jwili e Segó cada manhã se apressavam a ir da sua palhota para a escola. Segó gostava especialmente dos cânticos e das histórias que eles ouviam acerca de Jesus, que os amava e tinha cuidado deles. Tinham-lhe sempre dito que seres que eles não podiam ver, como pequenos anões, e Tikoloshe, lhes fariam mal. Mas agora o professor dizia que não havia tais seres como Tikoloshe e os pequenos anões; que Jesus estava junto deles, mesmo no escuro. Segó acreditava que Jesus o amava, mas mesmo assim tinha muito medo da lagoa onde sopunha que Tikoloshe morava, e dos pequenos anões, e corria tão depressa quanto podia no meio do escuro.

Uma noite sua irmãzinha começou a ficar doente. Ela chorava e chorava. «Os espíritos estão perturbando-a para mostrarem que precisam de comida!» disse a mãe. «Vamos chamar o quimbanda.» Mas apesar de terem sido experimentados todos os remédios, nenhum surtiu efeito.

«Há um homem na missão que pode curar os bebês doentes», segredou Segó a sua mãe uma noite. «Eu vi-o».

Sua mãe levantou os olhos, e Segó viu que eles estavam cheios de lágrimas. «Não podemos levar a menina ali esta noite», disse ela. «E talvez de manhã já seja demasiado tarde!»

Segó comeu muito triste a sua ceia. Aquele médico viria à aldeia se ele soubesse. Segó ia até à porta e olhava para fora. Estava muito, muito escuro. Só umas poucas estrelas no Céu. Não,

ele não podia ir com aquele escuro. Havia todos aqueles anões e Tikoloshe. Durante um momento tinha-se esquecido acerca de Jesus estar ali no escuro com ele. Abanou a cabeça. Não podia ir. Deitou-se na sua esteira, fechou os olhos firmemente, e esforçou-se por dormir. Mas não podia conciliar o sono. Continuava a ouvir a sua irmãzinha a chorar. Ele pediria a seu pai para ir.

Finalmente levantou-se e foi até ao «onjango» onde o seu pai estava sentado com os homens. Timidamente falou-lhe acerca do doutor que viria, se soubesse que era necessário, e curaria a sua irmãzinha. Não queria ele mandar alguém à missão para o chamar? Era inútil. «Ninguém nesta aldeia sabe que Jesus ama as crianças a não ser eu», disse ele. «Ele ama a minha irmãzinha.» Segó voltou para a palhota, e dirigiu-se à saída da aldeia. «Não há ninguém que possa ajudar a não ser eu», chorava ele, «e eu tenho medo».

À saída ele parou. Estava tão escuro lá fora. Lembrava-se do que tinham dito na escola. Jesus amava-o; ele não precisava de ter medo. Jesus amava-o, e não havia nenhuma Tikoloshe para lhe fazer mal. Um ramo quebrou-se súbitamente. Segó voltou para trás. Parecia como se não pudesse dar um passo avante e sair da aldeia para o escuro. Então ele ouviu a sua irmãzinha chorar, a sua irmãzinha a quem Jesus amava. Fazendo apelo a toda a sua coragem, cerrou os dentes. «Fá-lo-ei», disse ele, e correu pelos caminhos antes de poder mudar de parecer. A pouco e pouco a lua brilhava através das árvores e de cada arbusto fazia estranhas figuras. Tudo o amedrontava, mas ele continuava dizendo para si mesmo: «Jesus está aqui, Jesus cuidar de mim», e cantou um pouco para manter a sua coragem. Por fim viu luzes à frente e soube que tinha chegado à missão.

Alegremente o doutor voltou com ele para curar a sua irmãzinha. Dentro de poucos dias, disse ele, sua irmãzinha estaria outra vez boa.

«Agora todos eles saberão que Jesus ama as crianças», disse Segó.

«Segó, que é que te fez tão valeroso a noite passada quando correste pa-

Diligência na Obra

por E. V. Hermanson

«Viste a um homem diligente na sua obra? perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte.» Provérbios 22:29.

1963 foi um bom ano para os colportores de Angola. Aqueles que ouviram o chamado do Senhor e se entregaram diligentemente à tarefa de levar a página impressa de porta em porta tiveram belas experiências e ampliaram os seus conhecimentos. O primeiro a alistar-se nesse mister durante o ano foi o jovem Graciano Cunha Pereira, só interrompendo este trabalho para ausentar-se da Província afim de continuar a sua preparação espiritual e intelectual para poder servir ainda melhor o Mestre.

Em Maio abraçou a obra de publicações, alcançando bons resultados, a irmã Carminda Martins de Almeida. Ficámos com muita pena quando ela deixou este ramo de actividade missionária e esperamos que no futuro lhe seja possível dedicar-se novamente à divulgação dos livros que contêm o que o mundo precisa.

Nos meados do ano, três jovens de Luanda sentiram o chamado do Senhor e começaram a colportar naquela cidade. Descobriram logo que o êxito é proporcional ao número de horas de trabalho e número de apresentações feitas do livro aos clientes. São eles João Gaspar dos Santos, Guilherme Medeiros Rosa e Fernando Gonçalves.

O último, por motivo de força maior não pôde continuar, mas os outros dois prosseguem animados e a fazer bom trabalho, pelo que passaram da situação de estagiários para a de Colportores Regulares Licenciados. Em

Novembro e Dezembro o irmão Gaspar dos Santos esteve a trabalhar no Districto de Malange. Além das belas experiências que teve, trouxe ânimo e calor espiritual aos nossos crentes e simpatizantes da cidade de Malange.

Em Setembro começou e dedicar-se a esta obra, nas horas de disponibilidade, classificado como colporteur ocasional, o irmão José Correia Leite. Tem tido bons resultados trabalhando com um livro que não captou o interesse dos outros colportores, mas que precisava de um lugar de honra em todas as estantes menos na da Publicadora. Tem trabalhado entre uma classe especial de clientes que não estava a ser visitada pelos outros colportores em Luanda.

Em fins de Outubro surgiu outro colporteur, desta vez em Nova Lisboa. Trata-se do irmão J. B. Ribeiro, que está a ter êxito.

O jovem Carlos Victor Lamy, de Luanda, ouviu o chamado do Senhor e resolveu dedicar-se a esta actividade missionária em princípios de Novembro, especializando-se na obtenção de assinaturas da proveitosa revista «Saude e Lar» entre os luandenses.

Bom êxito, caro jovem Lamy! Tens um bellissimo território que é todo teu!

Há irmãos que se empenham em outros misteres para sua subsistência, mas que sentem, como bons crentes, o ardente desejo de fazer alguma coisa para Deus através da página impressa. Por isso dedicam-se à colportagem nas horas vagas. Estão a espalhar Bíblias e livros religio-educativos. Temos a honra de apresentá-los: António Pereira Dias, José Adão e José de Sousa Machado. O primeiro é competentíssimo relojoeiro a quem nunca falta trabalho; o segundo, zelador da igreja que nas horas do serão também encontra tempo para um curso secundário nocturno; o terceiro, mestre de obras e avicultor. Todos de Luanda!

Apraz-nos mencionar o trabalho do irmão nativo Justino Rubem, que du-

Continua na pág. 14

ra chamar o doutor? Não tinhas medo do escuro?» perguntaram Samba e Jwili no dia seguinte.

«Sim, a principio tive medo, mas continuei a lembrar-me de que Jesus estava ali e nos ama, e depois disso já não tive medo».

Ao Serviço do Mestre

Clama a Mim, e responder-te-ei

Numa das nossas aldeias adventistas morava um certo velho chamado Valeriano Caiumba, que me contou a seguinte experiência ocorrida em 1962:

«Eu vinha do Posto Administrativo do Cuima, quando escureceu pelo caminho. Não tinha medo, pois sabia que o anjo do Senhor se acampa ao redor dos que O temem e os livra. De repente, porém, senti atrás de mim um certo ruído mui estranho.

«Olhando para trás, vi que era um leão que me estava seguindo. Pus-me a correr, mas o pior é que quanto mais corria mais o inimigo se encontrava próximo de mim. Resolvi seguidamente subir a uma árvore para me abrigar do perigo que me cercava. Esforcei-me por trepar, mas não pude. Finalmente caí de joelhos em oração mui abreviada e logo fui atendido.

«A misteriosa mão de Deus me libertou de tão furioso inimigo.»

Realmente quando nos encontramos em perigo, devemos levantar sempre os nossos olhos para os céus, pois dali virá o nosso socorro. Como lemos em Jeremias 33:3. «Clama a Mim, e responder-te-ei». — *Esau Isaías*.

Não vale a pena desobedecer

Em fins de Novembro de 1963 fui visitar a ramificada de Bengo, na margem direita do rio Qué.

Fiquei impressionado com a dureza de todo o povo e interroguei o obreiro voluntário da aldeia sobre a origem de tal indiferença. Ele respondeu-me que o diabo tinha tomado conta da aldeia e todos fabricavam aguardente, menos ele e o seculo da escola.

Resolvi fazer uma reunião e fiz-lhes ver o erro em que laboravam. Exortei-os a abandonar aquela indústria diabólica e todos concordaram, menos um. O Sr. Bernardo, que tinha emigrado do Lumango, levantou-se e disse:

«Sr. Professor, este ano tive uma colheita muito fraca. Não consegui pagar todas as dívidas e, por isso, resolvi fabricar aguardente. Com o lucro obtido já consegui pagar metade das minhas dívidas. Lamento muito, mas não posso abandonar este negócio tão lucrativo.»

Ainda tentei convencê-lo, mas tudo foi em vão. Mostrei-lhe vários textos das Escrituras, mas ele manteve-se duro e inflexível.

Regressei à Central triste e pensativo. Passou-se uma semana. Só uma semana! Chegou-me então a notícia de que o Sr. Bernardo tinha falecido.

De que lhe serviu a sua desobediência? Não só não conseguiu este mundo, como também perdeu o outro!

Que aqueles que lêem estas linhas possam meditar nesta experiência e resolver em seu coração ser sempre fiéis até à morte. Amén. — *João Valério*.

Deus cura através da Sua Palavra

Durante a estadia de Jesus nesta terra, Ele foi um grande médico e grande pregador da Doutrina de Seu Pai celestial. Pelo facto de ser médico, curou muitos enfermos. Aos cegos deu a vista; aos coxos restituiu o uso dos seus membros; aos mortos ressuscitou.

«A Sua fama correu por toda a Síria e traziam-Lhe todos os que padeciam, acometidos de várias enfermidades, tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos, e Ele os curava.»

Ao realizar o 13.º Sábado numa das minhas aldeias filiais, levantou-se o Irmão Bernardo Costa, de Caluquembe, agradecendo pelas muitas maravilhas que Deus tem operado a seu favor, e disse:

«Dou muitas graças a Deus pelas bênçãos que Deus me tem dispensado durante o tempo da minha enfermidade. Há algum tempo andei com a minha perna doente. Fui a diversos hospitais, como por exemplo ao de Nova Lisboa, onde o médico apenas me disse que a

perna tinha de ser cortada. O mesmo me disseram noutros hospitais em que me apresentei. Finalmente apresentei o assunto ao meu pai para ver se ele podia dar-me algum conselho. Ele então fixou os seus olhos nos meus e disse-me que se por acaso eu quisesse ser curado tinha que arranjar uma cabra ou uma galinha. Mas como eu tinha abandonado todas as práticas da feitiçaria, não pude fazer tal coisa. E ele disse que se eu não fizesse isso, a minha doença não teria cura.

«Então disse eu de mim para mim: Afinal o Senhor Jesus só fez maravilhas em favor dos nossos antepassados e em meu favor não poderá fazer nada para me aliviar deste tão grande tormento? Seja feita a vontade de Deus para comigo.

«Enquanto assim pensava, senti a voz da consciência que me dizia: 'Faz oração! Antônio'. Olhei para um e outro lado, mas nenhuma pessoa vi, e passada uma semana fiquei totalmente curado sem nenhum socorro de medicamento.»

O filho de Rodina, irmã do Luciano Domingos, estava muito doente. A mãe estava receosa por lhe terem falecido muitos filhos e por isso pediu ao Luciano que lhe dissesse o que havia de fazer. Este respondeu que o único recurso que havia era orar a Deus. E assim o fizeram ambos. No fim da oração, tomaram uma Bíblia e colocaram-na sobre a cabeceira da cama da doente. Repetiram a leitura dos milagres que Jesus tinha operado quando esteve na terra e confiantes n'Ele passaram aquela noite. Pela manhã viram que o bebé estava são. Todos se admiraram da operação do poder de Deus.

Prezado leitor, confiemos no Senhor, entreguemos-Lhe o nosso caminho e Ele tudo fará — *Boaventura Venâncio*.

O anjo do Senhor... os livros

Em 8 de Julho de 1942, cerca de 15 horas, mandei o meu filho buscar os livros a casa para estudar, como de costume. Ele assim fez. No caminho, caiu numa emboscada de salteadores. Algum

tempo depois, comecei a chamá-lo, pois que o atraso era demasiado. Chamei e voltei a chamar, mas não obtive resposta. Mandeí a sua irmã mais nova chamá-lo, mas sem resultado. Fiquei atrapalhado e não sabia que fazer. Finalmente decidi procurá-lo, cheio de medo pelo seu desaparecimento. De novo me pus a chamar pelo Valeriano Rafael de Sá, e continuaram os ares mudos. Por fim, desatei a gritar, correndo ao mesmo tempo. Daí a algum tempo vi debaixo dumas árvores, chamadas ímbulas, um como meu filho, mas não me parecia o mesmo, tão desfigurado estava o seu rosto. Momentos depois ele disse-me que alguns homens o tinham levado pelas garras.

Julgando eu que talvez ele quisesse fugir do estudo, dei-lhe umas cinturadas, mas ele disse:

— Se o papá não acredita nas minhas palavras, quando Jesus vier confirmará o que estou dizendo.

Então deixei de o castigar.

Quando à noite lhe perguntei o que se tinha passado, ele contou-me que lhe apareceram uns homens que o maltrataram, querendo levá-lo não sabia para onde. Nisto apareceram três militares, que deram alguns açoites nos homens e que a um deles não deram nenhum açoite. Foi nesse momento que foi solto e salvo.

De certo acreditei que estes eram mensageiros de Deus. «O meu Deus enviou o Seu anjo, e fechou a boca dos leões para que me não fizessem dano», disse Daniel no capítulo 6:22. Do mesmo modo disse o Salmista: «Bendizei ao Senhor todos... os que guardam os mandamentos, obedecendo à voz da Sua Palavra.» Sal. 105:20.

Todo o crente está sob o cuidado divino. — *Rafael de Sá*

Até aqui nos ajudou o Senhor

De todas as minhas experiências não há nenhuma que eu possa comparar com esta.

Quando concluí o meu curso, não pensava que iria para Teixeira de Sousa. Mas foi para aí que eu fui escolhido, quando chegou a ocasião de dar destino aos catequistas.

A minha viagem para Teixeira de Sousa não foi alegre, porque não conhecia a terra para onde eu ia. Mas tinha na minha mente as palavras que Deus disse a Abraão: «Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei.» (Gen. 12:1-9). Abraão saiu e foi. Não pensou nos sofrimentos nem na fome. Mas obedeceu à Palavra do Senhor.

Eu também saí e fui para Teixeira de Sousa. Quando lá cheguei, encontrei o Sr. Pastor Jeremias Minganjo, junto com a sua família, e o meu colega Daniel Aurélio, que me serviu de guia, levando-me ao lugar onde fui colocado. Isto foi no dia 14 de Dezembro de 1955. Quando cheguei àquela aldeia, não pensava que fosse uma grande aldeia. Não havia muitas pessoas. Encontrámos um homem que estava muito zangado connosco. Naquela ocasião fiquei a tremer, porque não estava acostumado a viver no meio daquela gente inculta. O que me encorajava eram as palavras que se encontram no livro de Josué 1:3-9. Quem repetia estas palavras era o meu colega Daniel Aurélio.

Com esta coragem fiquei naquele lugar, que se chamava Txipato. Quando lembro o começo do meu serviço, faz-me lembrar a criação do mundo. Agora a aldeia de Txipato está cheia de casas e de muitas pessoas. Já temos 91 membros adultos da Escola Sabatina, 20 jovens e 21 crianças da mesma Escola. — *Celestino Mendes.*

Diligência na Obra

Continuação da pág. 11

rante vários anos colporta no território que lhe foi designado no triângulo Nova Lisboa-Ganda-S. Bandeira-Nova Lisboa. Só temos a lamentar não lhe ser possível trabalhar durante a época das chuvas. Este fiel colporteur faz bom trabalho visitando muitas terras que, tanto quanto saibamos, nunca foram visitadas por um colporteur.

Esperamos que aqueles que estão

na situação de ocasionais ou estagiários aproveitem bem seu tempo disponível para dedicar-se a este trabalho. E que, se o seu programa permitir, possam passar a Colportores Regulares Licenciados e mais tarde a Colportores Credenciados! E não haverá outros crentes em Angola que queiram partilhar a fé colportando enquanto ganham sua subsistência? Quem tem êxito em outros empreendimentos geralmente também tem êxito na colportagem. A colportagem não convém àqueles que em coisa alguma conseguem equilibrar-se. Em outras palavras, não é trabalho para os que falham nos misteres que já tentaram fazer. Se o leitor sentir o desejo de dedicar-se a este trabalho ou souber de algum jovem promissor que o queira fazer, agradecemos escrever ao Departamento de Publicações, C. Postal 3, N. Lisboa. Pedimos aos nossos prezados leitores a bondade de lembrarem-se do trabalho dos colportores nas suas orações, e de orarem também pelos clientes que adquirirão os livros.

«Todos os recursos do céu estão à disposição dos que procuram salvar os perdidos. Os anjos vos auxiliarão a alcançar os mais indiferentes e empedernidos. E quando alguém é reconduzido a Deus, todo o céu se alegra.» Parábolas de Jesus, pág. 197.

Dr. David Parsons

Com feliz êxito, no dia 29 de Novembro do ano findo o Dr. David J. Parsons defendeu na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa a sua tese de equiparação de Curso. No início de Dezembro já se encontrava no Hospital do Bongo este dedicado médico, que assim passará a servir tanto a população europeia como a nativa de Angola.

Visado pela Censura

Notícias do Campo

C. M. de Quilengues

Ouvir falar do Quicuco e veio...

Nada se pode igualar ao favor prestado a alguém quando está doente. Uma palavra de conforto, um conselho e ainda mais importante o tratamento ou remédio que se presta e dá ao enfermo, digo, é a maior força no mundo. Ganha o coração, cria amizade, quebra preconceitos e muitas vezes muda o curso de uma vida. Mesmo os animais — até os ferozes — se tornam amigos; isso tem acontecido vezes várias, depois de mão carinhosa os socorrer nas suas «dores»; sim, porque os animais também sofrem. «Não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido». Gal. 6:9.

A beneficência e assistência têm dois galardões. É estranho como possa parecer quem mais recebe é quem as presta. BEM FAZER, sem motivos egoístas mas por simpatia e abnegação é o melhor bálsamo que alguém pode aplicar a si próprio. O coração como que se dilata de prazer, o sorriso aflora aos lábios, o corpo todo como que se eleva depois de feito o BEM. As consequências são imediatas mas, como toda a boa semente, a beneficência produz sempre uma colheita abundante no futuro. «Porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido».

Mau grado o meu estado, agora nada posso fazer. A minha acção limita-se a recordar o passado e ver o que outros fazem, e no silêncio forçado, na conformação obrigada, na inactividade imposta, tudo pelas circunstâncias, tenho tempo (contra a minha vontade) para medir das actividades de outrem e pesar das consequências.

Uma simples história:

No dia 5 de Setembro de 1959 chegou ao Dispensário da Missão Adventista do Sétimo Dia do Quicuco um casal. A esposa sofria havia anos. Tinha procurado o auxílio de todos os curandeiros nativos «Kimbandas» conhecidos e recomendados mas não sentiu quaisquer melhoras. «EU NÃO CONHECIA O QUICUCO NEM A MISSÃO, MAS DISSERAM-ME QUE AQUI TINHAM BONS REMÉDIOS E CURAVAM AS PESSOAS, ASSIM EU VIM PARA QUE MINHA MULHER FOSSE TRATADA», disse-me o marido mais tarde.

A doença era já de anos. Foram precisos alguns meses para que a doente sentisse as melhoras desejadas. Finalmente ficou boa.

Ela e o marido permaneceram na missão o tempo do tratamento. Entretanto ambos frequentavam a igreja, e o marido começou a frequentar o curso nocturno para adultos. Pediram terreno e os bois da missão e assim charruaram uma boa lavra... O ano ou mais que aqui estiveram foi o suficiente para que

o amor de Jesus ganhasse terreno no seu coração. Ele, António Jamba, baptizou-se em 1960.

Alegre com as boas novas da salvação logo desejou partilhá-las. Pediu, insistiu para que mandássemos um catequista para a sua aldeia. Ele mesmo foi e abriu uma picada para lá podermos chegar com o carro. Ofereceu a sua casa para residência do catequista até que este tivesse tempo para construir a sua própria. No mês de Outubro de 1960 tive o prazer de ir lá colocar o primeiro catequista entre os Muhandas e semear as primeiras sementes do Evangelho entre o povo daquela aldeia. O António e esposa já conheciam a mensagem. Esta baptizou-se em 1961. Em 1962 baptizaram-se uma irmã da irmã Verónica (esposa do António Jamba) com o marido. Em 1963 baptizaram-se 2 filhas do António e um irmão do seu cunhado. Alguns mais estão preparados para o próximo baptismo.

A influência do Evangelho logo começou a espalhar-se. Um soba dirigiu-se ao catequista com o pedido de um catequista para a sua aldeia distante da primeira uns 16 quilómetros a corta-mato. Mesmo já impossibilitado de andar procurei atender a tão insistente como justo pedido. Um outro catequista foi colocado na segunda aldeia chamada Mungongo, em 1962.

Infelizmente foi-me impossível tornar a visitar a aldeia da Cancata do Murinde — a primeira e conhecer a do Mungongo, até que a semana passada, depois de ir cumprimentar o Snr. Administrador de PAIVA COUCEIRO e o Snr. Secretário que já conhecia e de quem sou ami o e numa viagem de 252 quilómetros ida e volta pude passar parte da Sexta-Feira e todo o dia de Sábado com todos os irmãos, interessados e amigos na catequese de Mungongo onde os da Cancata se deslocaram para passarmos juntos o Sábado.

A visita tinha sido anunciada para uma semana antes, quando os crentes de outra aldeia «Ganda» do Nongonge se deslocaram ali. Mas por motivos de força maior do que os planos foi adiada uma semana. Como a distância da Ganda do Gungue à aldeia do Mungongo é de 38 quilómetros, os irmãos daquela não puderam voltar novamente e assim perdemos o ensejo e o prazer de os ter connosco. Mesmo assim passámos o Sábado juntos 130 crentes e amigos.

No intervalo do culto da manhã e a reunião da tarde várias pessoas quiseram gravar o seu testemunho. Esses foram os momentos mais felizes que ali passei. Todos queriam testemunhar o seu contentamento. E com que espanto tornaram a ouvir o que eles mesmos haviam dito. No fim alguns me disseram que tinham pena de não terem falado.

Minha mulher acompanhou-me e na hora do almoço distribuiu bananas, mangas e tangerinas e outros «acepipes» às crianças — umas 40. Mesmo os velhos tiveram o seu

quinhão. Pouco embora, pois era impossível levar fruta para satisfazer a todos no carro carregado com 8 pessoas, colchões e o mais que sempre acompanha o missionário no seu trabalho.

Necessário é lembrar que a viagem deveu-se à simpatia de um amigo que não só nos emprestou o carro como ele mesmo o conduziu e teve a paciência de passar os dois dias conosco.

Antes de deixar a aldeia procurei obter alguns dados para acrescentar a este noticiário. Perguntei ao irmão Antônio como se sentia. Ele então recordando o passado disse: «Eu era muito bêbado e quando sob a influência do álcool batia muito na minha mulher, também procurava as mulheres alheias. Hoje sou um novo homem, graças a Deus». E isso é verdade. Todos o testemunham.

Ele fez o sacrifício de ficar 2 anos na missão, separado da mulher e dos filhos para estudar até à terceira classe. O ano passado desistiu para poder mandar uma filha para a escola. Este ano mandou outra e pensa voltar novamente, depois de ter as lavras semeadas, para estudar a quarta classe e fazer o exame oficial. O seu desejo é ser catequista. A sua esposa, a irmã Verônica, é o seu braço direito. Trabalha bastante na lavra para ajudar o marido e as filhas. Estas, Celina e Juliana, são duas jovens exemplares que temos na escola da missão. Tem mais três filhos: Benvenida, Mariana Teresa e Justo Chitanga.

O cunhado do casal, com o seu irmão, ambos batizados, embora casados, deixaram as esposas a cuidarem das lavras e estão ambos na escola frequentando o curso nocturno para adultos. De quando em vez andam nada menos de 170 quilómetros ida e volta, para visitarem a família. Os dois também desejam ser catequistas. Bastantes crianças desejam vir para a escola.

Fiquei deveras chocado com o sacrifício que os nossos dois catequistas estão fazendo para pregarem o Evangelho naquelas aldeias. Quando nos dirigíamos para a administração encontrámos um deles — Bernardo J. Chitapa — de regresso à aldeia na bicicleta a que teve de dar ar nos pneus dezenas de vezes no percurso de 70 quilómetros. Tinha ido apresentar-se ao recenseamento. De regresso da administração e já perto da aldeia do Mungongo fomos guiados na picada recém-aberta por entre o arvoredo pelo outro catequista Tomaz Alfredo que à frente do carro e num esforço que só o amor de Deus inspira pedalava e isto na distância de 4 quilómetros. O mesmo teve de fazer ao nosso regresso. Para irem à Administração, um pedala 70 quilómetros e outro 84. As estradas estão cheias de buracos e espinhos o que faz com que as bicicletas estejam sempre com «furos». Para vir à missão têm de pedalar 170 quilómetros de subidas e descidas. Desejo que eles tenham outro meio de transporte, pelo menos uma motorizada.

Bem orientados e cheios do amor de Deus estas almas são capazes dos maiores sacrifícios. Amam a sua Pátria e os europeus que

lhes trouxeram o Evangelho — as Boas Novas de Salvação, anseiam fazer parte da grande família de Deus na terra e herdar um lugar no Reino dos Céus.

O melhor meio de alcançá-los, ganhar-lhes o coração, a simpatia e a amizade é assisti-los nas suas necessidades, especialmente quando doentes.

Antônio Jamba com sua esposa Verônica, ouviram falar do dispensário do Quicuco, vieram, foram ajudados, ficaram, e quem pode medir das futuras conseqüências? Só a Eternidade o revelará.

José de Sá

Campo Missionário do Cuale

Temos neste Campo um homem inscrito na classe de Ouvintes chamado Hebo Zua. Este homem frequenta a nossa Catequese de Gulo.

Durante muitos anos este homem frequentou a Catequese Católica. Comprou uma vela um crucifixo, e uma imagem em papel da Nossa Sr.^a da Conceição. Decidido a procurar uma religião que adorasse a Deus em espírito e em verdade, começou agora a frequentar as reuniões feitas na nossa catequese.

Certo dia quando o Pastor Leonardo fazia a sua visita de Inspeção a esta aldeia, este homem decidiu entregar ao Pastor Leonardo, perante a Congregação reunida, os referidos objectos.

Disse ao Pastor Leonardo: Leve essas coisas para a Missão, porque eu já não preciso mais delas; e pediu para ser inscrito na classe de Ouvintes e está muito interessado na Verdade. Certamente o exemplo servirá para que mais almas se decidam em favor da Verdade.

Temos também neste campo uma aldeia chamada Lucena. Os habitantes desta estão a mostrar grande interesse pela Verdade.

Não têm mestre e entre eles não há um único membro. Estão a guardar o Sábado e a juntar as suas ofertas e os seus dízimos.

No fim dos meses um deles desloca-se à Central de Cangonge a entregar as ofertas da Escola Sabatina e os dízimos.

Quando medito no exemplo destas almas, fico triste. Há razão para essa tristeza. Infelizmente não possuímos um obreiro para guiar espiritualmente aquelas preciosas almas.

Verdadeiramente o Senhor está ao leme neste Campo. Damos muitas graças por nos ter usado como instrumentos nas suas mãos para termos uma parte neste trabalho. Pedimos ao Senhor que nos continue a dar a saúde e as Suas bênçãos para continuarmos o Seu trabalho nestas terras dos Jingas.

João Cordas Tavares